17:25 67%

cotidiano

Pista clandestina de pouso no lado da Venezuela, com aviões suspeitos de atuar no garimpo na terra yanomami Lalo de Almeida/Folhapress

Terra yanomami tem retorno do garimpo e da desnutrição

Folha visitou região de Auaris, foco do atual estágio da crise humanitária

Vinicius Sassine e Lalo de Almeida

TERRA INDÍGENA YANOMAMI (RR) Vista facilmente por quem cruza os céus do território yanomami, em Roraima, uma pista de pouso e decolagem suspeita de servir ao garimpo ilegal abriga nove aviões de pequeno porte, dispostos lado a lado, bem perto da exploração ilegal de ouro na maior terra indígena do Brasil.

A região é de fronteira com a Venezuela, e as coordenadas apontam para a presença da pista 5 km adentro no país vizinho.

No "garimpo do Rangel", em território brasileiro, embarcações com garimpeiros trafegam sem incômodo pelas águas sujas e barrentas do rio Couto Magalhães. É fim da tarde de quarta (10), e os barcos também circulam tranquilamente pelo rio Mucajaí.

Garimpos e cicatrizes de garimpos parecem engolir malocas, pequenas aldeias e uma pista de pouso que já serviu à saúde indígena, nas regiões de Homoxi e Xitei. Os rios, como o Uraricoera, voltaram a adquirir a aparência pastosa que é característica da exploração predatória e ilegal de ouro.

Tudo é visto da janela de um dos três aviões usados pela comitiva de ministros do governo Lula (PT) em visita à região de Auaris, a mais distante do território, na fronteira com a Venezuela. A **Folha** acompanhou a visita.

O garimpo retomou a força em pontos estratégicos da terra yanomami. A 20 minutos de voo do PEF (Pelotão Especial de Fronteira) do Exército em Auaris, onde pousaram os aviões da comitiva de ministros, dois pontos usados para a logística do ouro ilegal estão em pleno funcionamento.

Maurício Ye'kwana, diretor da Hutukara Associação Yanomami, fez um relato aos ministros Sônia Guajajara (Povos Indígenas), Marina Silva (Meio Ambiente) e Silvio Almeida (Direitos Humanos), dentro do espaço central da aldeia Fuduuwaadunha, dos ye'kwanas, que também estão na terra yanomami.

"Há um fluxo grande de aviões e helicópteros nos dois pontos logísticos. São 17 aeronaves, que alimentam garimpos no Parima, no Homoxi, em Xitei", disse Maurício.

Davi Kopenawa, que lidera a Hutukara, resumiu assim a retomada de força do garimpo em seu território, num tom de irritação ao se dirigir aos ministros: "Eles são como cupim. Metade foi embora. Os criminosos ficaram."

No caso da pista de pouso com nove aviões, o governo brasileiro chegou a planejar a destruição das aeronaves, mas teria constatado que a pista está no lado venezuelano.

A reativação de garimpos é um combustível para a crise humanitária dos yanomamis, com impacto no acesso a alimentos e com sucessivos surtos de malária no território. A desnutrição de crianças yanomamis é tão visível quanto a exploração do ouro, e são diretamente proporcionais.

Auaris é, hoje, um dos principais focos da crise de saúde. O acesso a comunidades se dá por meio de voos com duas horas de duração, o que dificulta atendimentos e remoções; o garimpo vem se estendendo à região, sem repressão por órgãos de fiscalização, de segurança e pelas Forças Armadas. É comum que crianças estejam desnutridas e com malária, ao mesmo tempo, além da alta incidência de doenças oportunistas da fome: pneumonia, diarreia, anemia, verminoses.

Profissionais de saúde consideram que todos os yanomamis da região de Auaris tenham tido malária ao longo de 2023. São 4.000 indígenas. Até novembro, houve 6.917 casos positivos. Em nenhuma outra região houve tanta malária quanto no local.

Na tarde da última quarta, sete crianças estavam internadas no polo base com desnutrição. Elas e as mães ficam num galpão. Uma suplementação alimentar por seringa é administrada nos pacientes, numa tentativa de ganho de peso pelas crianças, de forma que se tente evitar a remoção aérea para o Hospital da Criança em Boa Vista. Em 2023, foram mais de mil remoções.

> O garimpo voltou com tudo e, com isso, a malária voltou com tudo
>
> **Ana Paula Pina**
> médica que atua no território yanomami

Uma adolescente de 13 anos que estava internada na unidade de saúde em Auaris, pesava 12 kg. Os casos graves eram de indígenas sanumás, um subgrupo yanomami.

Os profissionais de saúde que fazem o atendimento a esses pacientes dizem que as famílias perderam o hábito da roça. Dependem das cestas básicas distribuídas pela Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas).

Nas cestas, há arroz, farinha, leite, charque, sardinha em lata, paçoca de carne e um processado à base de milho. A dieta dos sanumás, antes da dependência às cestas, incluía beiju, banana, peixe e carne de porco do mato, veado e macaco. Segundo um agente de saúde, hoje, quase não há caça nem pesca.

Na Casai (Casa de Saúde Indígena) Yanomami, em Boa Vista, um dos principais fluxos de indígenas é proveniente da região de Auaris. O espaço deveria ser apenas uma casa de acolhimento e passagem, mas faz atendimentos médicos e internações.

Quando o presidente Lula (PT) foi a Boa Vista para o anúncio de medidas da emergência em saúde em janeiro do ano passado, ele se dirigiu à Casai, e afirmou ser inaceitável a superlotação do lugar.

O espaço segue com mais pessoas do que vagas existentes. Até terça (9), havia 276 pacientes e 310 acompanhantes, num total de 586 indígenas. A capacidade da Casai é de 442 redes e 16 leitos. No auge da crise humanitária, quase 900 yanomamis ficavam na Casai.

Galpões são estruturados para abrigar os indígenas, divididos por regiões. O de Auaris era um dos mais lotados na terça, quando a reportagem visitou o lugar.

"O garimpo voltou com tudo e, com isso, a malária voltou com tudo", afirma a médica ginecologista Ana Paula Pina, que atua no DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Yanomami. "Há mães desnutridas crônicas. E a maioria das internações é de crianças desnutridas e com malária."

No polo base em Auaris, profissionais de saúde encontram dificuldades em administrar a suplementação alimentar. Mesmo assim, as sete crianças com desnutrição não necessitariam de transferência para Boa Vista.

É comum que indígenas do lado venezuelano procurem a unidade de saúde em Auaris, principalmente por causa de malária, conforme o relato de lideranças da região. O fluxo é de 80 a 100 indígenas, segundo as lideranças.

"A gente está muito ciente de que [a crise] está longe de terminar, está longe para se libertar o território", disse a ministra Sônia Guajajara, na reunião feita com lideranças em Auaris. "Sabemos que há invasores, que o que fica é a parte criminosa."

Marina afirmou que o governo quer "a transparência e a realidade", e não o "autoengano". "O recado do presidente é para resolver a situação." Silvio Almeida disse algo semelhante: "Temos a plena ciência de que, apesar do trabalho, ainda não foi o suficiente."

Na terça, após reunião ministerial convocada pelo presidente, o governo federal anunciou a presença de uma "casa de governo" em Roraima para tratar das ações na terra yanomami e a instalação de três bases de vigilância no território, com forças de segurança.

Lula se mostrou incomodado com os dados de saúde. O relatório mais recente mostra que 308 indígenas da região morreram em 2023. Os dados incluem registros até 30 de novembro. Mais da metade dos óbitos foi de crianças de até 4 anos. Entre as causas principais das mortes estão pneumonia, diarreia, malária e desnutrição.

Os alertas de garimpo apontam uma redução de 80% ao longo do ano, mas as imagens de satélite podem camuflar retornos de invasores aéreas que já estavam abertas. E isso vem ocorrendo, segundo agentes.

A estimativa desses agentes é que cerca de 3.000 invasores permanecem na terra indígena, quase um ano após o início de ações de desintrusão -retirada de não indígenas. Eram cerca de 20 mil no auge da crise, estimulados pelo governo de Jair Bolsonaro (PL).

Com a maior presença de equipes de saúde na região, os números são mais próximos da realidade do que os compilados ao longo do governo Bolsonaro, quando havia expressiva subnotificação. Mas equipes seguem sem entrar em comunidades mais próximas de garimpos, em razão de riscos ao trabalho de saúde.

Na região de Kayanaú, o polo de saúde segue fechado, e o garimpo se intensificou. O governo não sabe o destino e as condições de saúde de mais de 300 yanomamis que viviam em cinco aldeias da região.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Retirante levou paixão a Luiz Gonzaga para o Sul do país

JOÃO FRANCISCO DE MEDEIROS (1918 - 2024)

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A história de João Francisco de Medeiros daria um livro. Aliás, deu. "O Último Pau de Árara" (Grafatório Edições, 2020), escrito por um de seus 15 filhos, o jornalista João Batista Medeiros de Araújo, o Jotabê Medeiros, 61, tem naquele retirante nordestino de olhos azuis o personagem principal.

Nascido em Serra Branca, no cariri paraibano, o homem de jeito rústico tinha algumas características marcantes em sua personalidade.

Criar 12 filhos na seca do sertão, porém, necessitava mais do que habilidade nos negócios.

Em 1965, João Paraíba, como ficaria conhecido, comprou duas cargas de sal para vender no Paraná.

Cruzou o país com dois caminhões e a família.

"Foram nove dias e nove noites de viagem, com metade sal e metade crianças e adolescentes na carroceria até Claranorte", diz Jotabê.

Mudou a cultura, mas não os costumes. Na cidade do norte paranaense, onde nasceram seus outros três filhos, João Paraíba levou a habilidade de ganhar dinheiro, trocando uma água por uma bicicleta, que lhe renderiam duas mulas depois, sem nunca ter sua honestidade questionada.

Viagens fez poucas —retornou uma única vez à Paraíba para ver os parentes—, mas passava dias nas fazendas da região atrás de oportunidades.

A saga do homem que virou literatura também daria roteiro de filme do Velho Oeste.

"No livro eu o comparo às vezes aos heróis de faroeste protagonizados por Clint Eastwood e pelos vilões encarnados por Lee Van Cleef", escreveu Jotabê sobre o pai no blog Farofafá.

João sempre usou chapéu. O paraibano nunca teve carteira de habilitação, mas sempre soube se fazer respeitar no trânsito, que encarava a cavalo ou de charrete.

Destemido, no melhor estilo John Wayne, certa vez foi a uma cidade vizinha atrás de um homem que havia roubado um de seus cavalos.

Levou o ladrão amarrado no banco traseiro do Fusca dirigido pelo genro até a delegacia de Cianorte.

Como bom nordestino, gostava de Luiz Gonzaga e o ouvia em uma radiola colorida.

Viúvo de Eulina cerca de dez anos depois de chegar ao Paraná, nunca mais se casou.

Por causa da família numerosa, a casa ficava sempre cheia nas festas. Na comemoração de seus 99 anos estavam mais de cem pessoas.

Sabia de cavalos mais do que muito veterinário, diz o filho. Mesmo na velhice participava todo ano da cavalgada da cidade.

Caiu uma única vez, aos 87 anos, de cima de um animal alugado, que não conhecia. Por causa do tombo, teve um AVC e perdeu um pouco da mobilidade, mas não a personalidade.

João Paraíba morreu no último dia 8, aos 105 anos. Além de uma vida narrada nas páginas de livro, tem muita história contada por aí pelos 15 filhos, 46 netos, 31 bisnetos e três trinetos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo
tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.
Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 13h às 17h.
Avisos gratuitos na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3363 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.